

# NARRAR A SI EM PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS LGBTQIA+ DE VIOLÊNCIAS EM CONTEXTOS DE ISOLAMENTOS<sup>1</sup>

*NARRATING ONESELF IN A PANDEMIC: LGBTQIA+  
EXPERIENCES OF VIOLENCE IN CONTEXTS OF ISOLATION*

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO<sup>2</sup>  
MARIANA RAMALHO PROCÓPIO<sup>3</sup>

## RESUMO

Neste artigo, objetivamos discutir como as experiências de violências sofridas por pessoas LGBTQIA+ na e além da pandemia de covid-19 são narradas a partir do reconhecimento das interseccionalidades e dos sentidos acionados na elaboração das próprias histórias de vida. Por meio de um duplo movimento metodológico, fomos guiados pelos afetos e selecionamos indícios de narrativas de si presentes no livro *Histórias da queerentena* (Pérez Navarro, 2020). Os resultados da pesquisa indicam que a violência faz parte da nossa experiência em um lastro histórico de ações que se direcionam contra nós. Com as narrativas de vidas LGBTQIA+, notamos como as precariedades corroboram na intensificação das violências e dos isolamentos, que não estão somente presentes na pandemia de covid-19, mas ao longo de toda a vida em razão das relações de poder.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+; interseccionalidades; violências; narrativas de vida; pandemia de covid-19.

## ABSTRACT

*In this article, we aim to discuss how the experiences of violence suffered by LGBTQIA+ people during and beyond the covid-19 pandemic are narrated based on the recognition of intersectionalities and the meanings triggered in the elaboration of their own life stories. Through a dual methodological approach, we were guided by affections and selected evidence of self-narratives present in the book *Histórias da queerentena* (Pérez Navarro, 2020). The results of the research indicate that violence is part of our experience in a historical background of actions directed against us. With the narratives of LGBTQIA+ lives, we note how precariousness corroborates the intensification of violence and isolation, which are not only present in the covid-19 pandemic, but throughout life due to power relations.*

**Keywords:** LGBTQIA+; intersectionalities; violence; life narratives; covid-19 pandemic.

1 Este texto foi desenvolvido a partir da pesquisa de doutorado "Narrativas de vidas LGBTQIA+ em queerentena: discursos e estéticas da diferença em atos de reelaboração de si, (re)existência e resistência na pandemia de covid-19", defendida na pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Agradecemos às e aos docentes da banca cujos comentários foram primordiais para apresentação deste artigo ao dossiê "Comunicação e Interseccionalidades: direitos, afetos, disputas e dissensos".

2 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença (UFV/CNPq). E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com.

3 Sou professora na Universidade Federal de Viçosa (UFV), vinculada ao Departamento de Comunicação. Atuo no curso de graduação e Comunicação Social - Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral realizado na Université Paris-Est Créteil, na França. E-mail: mariana.prococio@ufv.br.

## Introdução

O acontecimento da pandemia de covid-19 impactou as vidas desigualmente, estabelecendo condições de vulnerabilidades intensificadas pelos regimes sociopolíticos e pelo (ir)reconhecimento dos efeitos do alastramento do coronavírus. No Brasil, esse período catastrófico, que se iniciou em 2020, foi marcado por discursos e imaginários de desprezo, banalização e vilipêndio acionados pelo então presidente do país, Jair Bolsonaro, amplificados e circulados em mídias e plataformas digitais com alcance de múltiplos públicos e apoiadores (Vieira Filho, 2022).

Quando nos atentamos a esse contexto, que permanece em continuidades nas tramas das experiências individuais e coletivas de dores, violências e lutos, percebemos que os flagelos da pandemia de covid-19 atingem os corpos em um reforço às desigualdades sociais. Nesse cenário de isolamento, medo e insegurança, a dimensão de desigualdades de gênero foi potencializada (Ferrari; Procópio, 2023). Esse reconhecimento é explicado por Sônia Pessoa e Carlos Mendonça (2020) a partir de uma perspectiva que evidencia as marginalidades enfrentadas pelos atravesamentos das identidades, das situações financeiras, das condições de saúde vividas e tantas outras marcas dos corpos que se amalgamam nas experiências cotidianas de pessoas e grupos sociais. Como a pesquisadora e o pesquisador enfatizam, trata-se de “[...] pessoas que estão à margem e que sempre tiveram que lutar por sua legitimidade, lutar pela sua própria existência” (Pessoa; Mendonça, 2020, p. 89), isto é, por uma vida que seja plenamente vivível (Butler, 2019).

Estamos em um país cujos lastros de violências homotransfóbicas demarcam historicidades de apagamentos e violações de direitos humanos. Mesmo com a emergência de diferentes movimentos sociais organizados com objetivos políticos de reivindicação, que ganharam maior profusão a partir dos anos 1960 no contexto de repressão da ditadura civil-militar, os ataques não cessaram, os estigmas se tonificaram com a epidemia de HIV/aids, os crimes permaneceram em crescimento (Andrews, 2024).

Para se ter dimensão, “de 2014 para 2023, houve um aumento de 1.110,99% no número total de casos de violência contra homossexuais e bissexuais” (Cerqueira; Bueno, 2025, p. 87). Apesar da atenção que precisa ser dada ao interpretar esses dados do *Atlas da Violência 2025*, localizando as alterações culturais e os contextos de cada época, salientamos a imprescindibilidade de reivindicação de políticas públicas de atenção para coibir esse fenômeno em ebulação. O dossiê ainda salienta que “[...] uma hipótese não descartada é que tenha havido, de fato, aumento vigoroso da prevalência de violências nesse período, que coincide com a pandemia da covid-19 e com o governo Bolsonaro” (Cerqueira; Bueno, 2025, p. 90). Aliado a isso, têm-se o *backlash* — oposição aos direitos LGBTQIA+ — e a ideologia de gênero — ataques às questões da diferença — como movimentos insuflados na esfera pública para contaminar os sentidos sobre gênero, sexualidade e marcadores sociais da diferença e impedir o debate acerca dos direitos (Cerqueira; Bueno, 2025).

Os dados acima nos permitem afirmar que a violência direcionada à população LGBTQIA+ não é episódica, mas cotidiana, tal como nos aponta a antropóloga indiana Veena Das (2020). A pesquisadora discute como eventos críticos de vitimação — tal como pode ser percebida na pandemia de covid-19 — são geradores de disputas de sentido acerca da significação da violência, nos quais estão incluídos os agressores, as vítimas e as próprias investigações e reflexões acerca dos eventos estudados. Especificamente em relação aos sujeitos que experiem a dor, a autora os comprehende como conhecedores das relações de subordinação, as quais podem ser

diversificadamente contestadas, pela autoafirmação da própria condição humana, que clama por reconhecimento e dignidade.

Com essas notas introdutórias, temos como objetivo discutir como as experiências de violências sofridas por pessoas LGBTQIA+ na e além da pandemia de covid-19 são narradas a partir do reconhecimento das interseccionalidades e dos sentidos acionados na elaboração das próprias histórias de vida. Essa ação é conduzida a partir de um duplo movimento metodológico. O primeiro deles é a perspectiva afetiva que consiste em uma abertura na pesquisa para tudo aquilo que nos move, inquieta e desloca, reorganizando caminhos e abrindo outras possibilidades de reflexão (Moriceau, 2019). Trabalhamos com um *corpus sensível* (Pessoa, 2018), por meio da nossa abertura ao inesperado durante a leitura das histórias e frente àquilo que nos movia e despertava atenção: a tematização das violências e os atravessamentos das interseccionalidades. Essa virada dos afetos nos permitiu selecionar indícios (Braga, 2008) emergentes no livro *Histórias da queerentena*<sup>4</sup>, organizado por Pablo Pérez Navarro (2020), que contém 72 narrativas autobiográficas de vidas LGBTQIA+ que se voltam à escrita sobre aquele momento de pandemia, mas também com um gesto de imersão que permitiu elaborar a si. A partir dos indícios que formam nosso *corpus*, apresentamos trechos das histórias e identificações das pessoas, juntamente à reflexão teórica das interseccionalidades e das violências.

Importante destacarmos que este trabalho integra uma pesquisa de doutorado concluída em que se refletiu como as experiências pandêmicas LGBTQIA+ narradas em primeira pessoa estabeleceram sentidos para si, o mundo e os marcadores sociais da diferença. Nossa intuito, respaldado nas considerações de Donna Haraway (1995), não foi ser universalista, mas dizer por uma perspectiva situada que reconhece limitações e especificidades. Além disso, a proposta se apresentou como uma forma de continuar leituras e tessituras de narrativas de vida que não devem ser esquecidas pelos fluxos da história.

Para este artigo, apresentamos reflexões sobre interseccionalidades e as potencialidades que esse conceito desenvolvido pelos feminismos negros nos auxilia a reconhecer os pesos das articulações dos marcadores sociais da diferença. Em seguida, apresentamos dados sobre violências contra corpos dissidentes, em especial, LGBTQIA+, percebendo como essas estruturas de repressão se estabelecem com a pandemia de covid-19, mas que já são parte do cotidiano de pessoas que têm experiências contranormativas, conforme o olhar de Veena Das (2020)<sup>5</sup>.

4 O neologismo *queerentena* que intitula o livro em questão (Pérez Navarro, 2020) e conduz movimentos reflexivos sobre as vidas LGBTQIA+ enfatiza estranhamentos sobre os regimes de quarentena experienciados por nós desde 2020. Consiste em uma dupla vertente, sendo que, de um lado, demarca as diferentes condições de isolamento social na pandemia de covid-19 e, por outro, de quarentenas vividas por indivíduos e grupos LGBTQIA+ em diferentes momentos e contextos, que marcam a experiência e o entendimento da realidade. É por meio dessa explicação que seguimos nesta pesquisa.

5 Salientamos que, em razão da limitação de páginas do artigo, apresentamos algumas das histórias que compõem o livro. Nossa seleção, que forma o *corpus sensível*, considerou aquilo que nos moveu ao lê-las, nos tocou na trajetória de investigação e nos fez refletir sobre as experiências das violências.

## Sobre as interseccionalidades e a importância no entendimento da realidade do estar no mundo

Para uma compreensão aprofundada do conceito de interseccionalidades, devemos entender suas origens e as complexidades das identidades. Dayane Assis (2019) identifica a historicidade com os feminismos negros que, diferentemente das matrizes hegemônicas que cunham a categoria “mulher” como uníssona, reconhecem raça, sexualidade, classe e outros marcadores sociais da diferença em articulação como uma forma de entender as diferentes opressões vividas por mulheres negras na sociedade. “Os feminismos negros, portanto, denunciam que assim como, de maneira estrutural, o sexismo posiciona a mulher de forma subordinada na sociedade, o racismo também ocupa esse lugar quando interseccionado com demais marcadores sociais” (Assis, 2019, p. 12). Essa perspectiva de ação salienta que, muitas vezes, o que o feminismo hegemônico fez, ao não reconhecer diferenças em articulação e tensionamento, provocou desunião entre movimentos organizados.

No início, explica-nos Bruna Pereira (2021), a interseccionalidade era sublinhada com o interesse de incluir quem estava em posições potenciais de marginalização e que não tinha reconhecimento e permanecia em zonas de isolamento na sociedade. Os movimentos feministas negros e lésbicos, sobretudo nos meios acadêmicos e nos ativismos situados no Norte global, foram responsáveis por lançar luzes a essas questões, uma vez que havia uma insatisfação com as invalidações das experiências de mulheres negras e lésbicas socialmente. Contudo, o avanço se deu com a tematização da diferença, adquirindo relevância pública para não somente buscar inclusão à matriz social, mas, sim, combater regimes de desigualdade perpetuados historicamente e buscar por políticas de cuidado.

Kimberlé Crenshaw é uma intelectual central para a difusão dessa abordagem, tendo em vista a preocupação com a interação das diferenças e os contextos de luta e dominação das relações de poder. Com essa atenção despertada para as problemáticas dos entrecruzamentos das diferenças, devemos entender as interseccionalidades como uma forma de reconhecimento das conexões entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado que interagem nas vidas humanas (Akotirene, 2023).

Fundamental destacar, segundo Carla Akotirene (2023), a centralidade das experiências das mulheres negras e seus embates, lutas e ancestralidades como basilar para o desenvolvimento do conceito de interseccionalidades e suas significações. Com essa agência, criam-se possibilidades de nomeação e de visibilidade dos amalgamentos das opressões e, ainda, estabelece ações de combate às injustiças e violências históricas. Também é crucial trazer as perspectivas do Sul global, como de Lélia Gonzalez e a amefricanidade, como forma de entender os processos coloniais em atravessamento e constituição das violências cotidianas (Assis, 2019).

Carlos Henning (2015) assinala, em um amplo debate sobre as emergências do conceito e as atualizações contemporâneas necessárias para uma reflexão acurada dos fenômenos sociais, questões colocadas em debate sobre os três marcadores principais reconhecidos quando se propõe uma leitura interseccional — raça, classe e gênero — ou, também, de uma ideia de infinidade de diferenciações que provocaria um somatório de opressões. O pesquisador considera que:

Essa ênfase ressaltaria, assim, a possibilidade de certa contenção analítica, contestando o — assim visto — necessário 'caráter de abertura ilimitada' do campo interseccional. Portanto, não necessariamente é preciso desenvolver a análise de uma infinidade de marcadores em toda e qualquer análise social, mas atentar para o entrelaçamento daqueles que se mostram relevantes contextualmente, ou seja, partindo de análises atentas às *diferenças que fazem diferença* em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos (Henning, 2015, p. 111, grifos do autor).

Com as interseccionalidades, percebemos que as identidades, a partir de seus marcadores sociais da diferença, não operam de modo isolado e sequer individualizado, mas em uma permanente processualidade com entrelaçamentos e interações. Trata-se, desse modo, de reconhecer as interseccionalidades como uma lente teórica, conceitual e metodológica para leitura crítica e histórica dos fenômenos sociais e suas interconexões com os contextos em que se situam.

## Violências contra corpos dissidentes na e para além da pandemia de covid-19

Márcio do Nascimento e Marco Duarte (2022) afirmam que "as dominações, expropriações e opressões por qual sofrem e marcam socialmente os corpos dissidentes e abjetos só podem ser problematizados a partir da intersecção gênero, sexualidade, raça e classe social" (Nascimento; Duarte, 2022, p. 72). Corpos dissidentes e experiências que fogem dos arranjos normativos devem ser compreendidas a partir dos questionamentos colocados pelas interseccionalidades, assim como pelas vidas precárias, noção resgatada pelos pesquisadores a partir de Judith Butler (2019), para situar quais vidas são abjetificadas e invalidadas.

As vulnerabilidades e as precariedades são partes constitutivas das experiências no mundo, embora demarquem compreensões distintas. Sônia Pessoa e Carlos Mendonça (2020) explicam que a vulnerabilidade diz respeito ao existir no mundo, quer dizer, aos riscos e aos desafios que as relações com os outros nos trazem continuamente. Isso significa que a vida humana é fundamentalmente dependente do outro, das relações e das interações, seja de quem é parte direta do nosso cotidiano ou de quem também não é. A precariedade, por sua vez, emerge da intensificação das vulnerabilidades a partir da interação dos marcadores sociais da diferença, o que inclui a situação socioeconômica, os pertencimentos e as identidades, os contextos políticos, as condições ambientais, os acessos aos direitos humanos etc. (Pessoa; Mendonça, 2020).

Se a vulnerabilidade é um eixo ontológico da vida humana, a precariedade se refere a uma dimensão socialmente construída e em atualização, cujos resultados representam as intersecções entre os marcadores sociais da diferença. Quando nos atentamos às especificidades do contexto pandêmico, com olhares direcionados aos indivíduos e à comunidade LGBTQIA+, temos que fazer uma leitura atenta. Conforme Sônia Pessoa e Carlos Mendonça (2020), os isolamentos trazidos como tentativa de conter os avanços vírais sobre as populações mostram a vulnerabilidade, ou seja, todas as pessoas estão vulneráveis diante dos outros, sujeitas à contaminação pelo coronavírus e às consequências para a saúde. Entretanto, esses isolamentos sociais revelam e também intensificam precariedades para muitas pessoas.

As pesquisas desenvolvidas pelo coletivo *VoteLGBT* em 2020 e 2021<sup>6</sup>, por exemplo, mostraram os impactos da pandemia de covid-19 no ápice de seu desenvolvimento e as relações diretas com as experiências LGBTQIA+, apontando a existência de diferentes quarentenas em coexistência no marco pandêmico e as precariedades se avolumando pelas questões emocionais, psicológicas, financeiras e relacionais. Outro ponto a ser considerado, alertado por Márcio do Nascimento e Marco Duarte (2022), é de que:

Portanto, nessa conjuntura de crises sanitária, política, econômica e ética, no contexto do Estado ultraneoliberal, com sua necropolítica, convertendo os diferentes inimigos, a pandemia de COVID-19 [sic] expõe, na cena pública, o *projeto de poder em curso na sociedade brasileira*, na medida em que o sistema de saúde não cuida de todos. Desta forma, a precariedade da vida é imposta, o que revela que há corpos passíveis de luto, mas outros nem tanto (Nascimento; Duarte, 2022, p. 80-81, grifos nossos).

Assim, percebemos que a precariedade é distribuída de forma diferencial, como explica Judith Butler (2019), o que traz sujeições às violências e aos riscos iminentes da morte. No contexto brasileiro, a proteção à vida sob o governo de Jair Bolsonaro foi seletiva e abrangeu quem se alinhou ideológica e politicamente aos seus ideais e sua gestão. Dessa forma, a seletividade impulsionou discursos desinformativos e potencialmente danos na esfera pública, enquanto aumentava os riscos das precariedades.

A violência não é algo sempre extraordinário, um evento isolado, mas algo que “desce ao ordinário”, isto é, que se infiltra no cotidiano, nas práticas de vida, nas relações íntimas, familiares e comunitárias (Das, 2020). No caso dos corpos dissidentes, a violência não é só física — há uma atmosfera de discriminação diária, invisibilização, linguagem que exclui ou apaga, silêncios forçados, medo, intimidações. Essa violência cotidiana e tácita pode ser tão marcante quanto a violência explícita.

## O narrar da violência por uma abordagem das interseccionalidades

Conduzidos pelas aberturas das interseccionalidades, somos direcionados por meio da leitura crítica de Carlos Henning (2015) para compreender as experiências LGBTQIA+ e os desafios enfrentados em um duplo isolamento social: aquele colocado como medida profilática para a pandemia de covid-19 e outro que é parte permanente da vida comum em razão dos impedimentos e das medidas coercitivas que regem a sociedade na qual estamos. Nesse sentido, partimos do entendimento de que as interseccionalidades expandem os caminhos para uma análise que se atente aos contextos e suas especificidades de desenvolvimento das diferenciações e de intensificação das desigualdades (Henning, 2015).

Enfatizamos que a pandemia de covid-19 representa um marco que abrange a sociedade mundial, mas é composta por uma infinitude de experiências diametralmente diferentes crivadas por precariedades. Devemos entender, por uma abordagem interseccional, explicada por Dayane Assis (2019, p. 20) que assinala a explicação a partir de Kimberlé Crenshaw, que “[...] o ponto nodal dessa reflexão é justamente a interação entre os marcadores sociais da diferença

<sup>6</sup> Relatórios completos disponíveis para consulta em: [https://www.votelgbt.org/s/diagnostico\\_LGBT\\_pandemia\\_completo.pdf](https://www.votelgbt.org/s/diagnostico_LGBT_pandemia_completo.pdf) e [https://www.votelgbt.org/s/diagnostico\\_LGBT\\_pandemia\\_completo.pdf](https://www.votelgbt.org/s/diagnostico_LGBT_pandemia_completo.pdf). Acesso em: 13 out. 2025.

[...]" Frente a essas considerações norteadoras, seguimos para o contato com a obra *Histórias da queerentena* (Pérez Navarro, 2020), que abre incursões possíveis de contato com a interseccionalidade e a importância de unir diferentes narrativas de vida como forma de construir memórias sobre aquele tempo. Movidos por afetações, muitas delas doloridas, difíceis de serem compreendidas e que nos aproximam, geram reconhecimento ou distanciamento das narrativas, seguimos por uma perspectiva mais atenta às violências.

Antes de continuarmos, devemos situar esse livro com mais detalhes e as afetações que nos despertam para a pesquisa com ele. Conforme as explicações de Pablo Pérez Navarro (2020), as histórias reunidas no formato de livro constituíram uma espécie de assembleia cujas coletividades permitiram a integração e os dissensos, com fios que reúnem as vivências dissidentes em mundo composto por normas que se lançam como norteadoras e basilares das relações humanas. O filósofo e organizador da obra escreve que a ideia era "[...] reunir histórias, testemunhos e reflexões em primeira pessoa sobre as quarentenas da pandemia de covid-19. Nada mais, nada menos" (Pérez Navarro, 2020, p. 13). Embora seja um propósito fácil de ser compreendido, haja vista o contexto sociopolítico em que se situava na época de desenvolvimento, o resultado trouxe uma complexidade de temas, de perspectivas de mundo e de buscas por reelaborar a si próprio. Neste artigo, conforme as afetações que as histórias nos trouxeram e que movimentaram os caminhos de pesquisa em nossas práticas acadêmicas cotidianas, concentrar-nos aos indícios que demarcam experiências de violência sofridas por pessoas LGBTQIA+.

Se a experiência da violência é cotidiana para quem é dissidente das normas, suas formas de se armar não se apresentam apenas nos limiares da vida — que nos acostumamos a ver diariamente como notícias ou sequer com o devido valor de uma vida —, mas em um processo contínuo, diário, que age nas tramas de diferentes instituições organizadoras de nossas interações (Das, 2020). Luís Fernando Lobo Rosa (2020), um homem homossexual de 43 anos de Peruíbe, São Paulo<sup>7</sup>, argumentou que a quarentena não mudou a vida de muitos homossexuais, que já viviam e vivem em uma espécie de isolamento. Ele descreve o desvelamento de tendências machistas, misóginas, homofóbicas e racistas em pessoas próximas, assim como situações de discriminação veladas que sofreu. "Fui assassinado várias vezes – na família, no trabalho, nas ruas, na rede. Uma violência consentida. 'Não tinha, não tive, e não tenho a quem recorrer' divago, em meu mundo que cai. Estou vago, à deriva, à flor da pele, à queima-roupa" (Rosa, 2020, p. 142). Essa escrita, carregada de dor e de um sentimento de esvair da própria vida, traz a comparação com se viver em uma eterna pandemia e isolamentos sociais, entre eles a dificuldade de sair às ruas com sua cachorrinha usando uma simples guia com a bandeira LGBTQIA+ e receber olhares de repúdio e também ser vítima de violências e os problemas para se conseguir um emprego por ser uma pessoa homossexual.

Com certa proximidade na narrativa, Guilherme "Smee" Sfredo Miorando (2020), um homem gay nerd de 36 anos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, refletiu sobre a angústia de ser queer na quarentena da covid-19, pois sentimos que já estamos "[...] vivendo quarentenas identitárias a vida inteira". Seja com os armários que se interpõem continuamente, tal como a pandemia de covid-19 se interpõe à experiência, seja com os estigmas dos passados violentos da epidemia de HIV/aids que ainda perpetuam, as violências seguem com efervescência. Para ele, o que se

<sup>7</sup> Todas as marcações de identidades apresentadas foram escritas pelas próprias pessoas em suas histórias e reproduzidas como nota de rodapé no livro. Logo, não nos cabe, enquanto pesquisadores que estão trabalhando com a materialidade textual e com os afetos, questionar ou proceder a um recenseamento com base em outras emergências que, porventura, possam aparecer nas histórias. Dessa forma, reproduzimos as informações sobre as identidades conforme elas foram descritas originalmente.

deseja é o direito de ter prazer na mesma intensidade, de ser estranho e fora do normal sem justificativas, e de atuar como outro gênero sem fundamentar qualquer explicação. Contudo, o que se nota é a proximidade dos regimes que autorizam as mortes tanto na pandemia de covid-19 quanto aos extermínios de pessoas LGBTQIA+ (Miorando, 2020). E nessa esteira da necropolítica contra corpos dissidentes e vidas precárias (Nascimento; Duarte, 2022), o Brasil permanece na liderança pela 16<sup>a</sup> vez consecutiva como o país que mais mata pessoas trans e travestis, como relatou a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Para dimensionar o problema, em 2024, “a vítima mais jovem tinha apenas 15 anos, e o perfil das vítimas permanece alarmante: majoritariamente jovens trans negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos, com requintes de crueldade” (Benevides, 2025, p. 9).

Muitas vezes, o isolamento social é uma arma estratégica para poder viver afastado de discriminações e condições potenciais de vulnerabilidade. Maria Clara Elias Polo, super sapatão de 26 anos de Uberlândia, Minas Gerais, e Giselle Tavares, lésbica pra caramba de 33 anos de Uberlândia, Minas Gerais, narraram suas vivências na quarentena e afirmaram que o lugar mais seguro para expressarem o amor sem violência e constrangimento é o lar. Entretanto, sabemos que as condições de privilégio — entre elas, podemos destacar ter uma casa segura para se viver, ter salários, acesso a serviços etc. — marca a pandemia de covid-19 e o modo como cada pessoa ficou sob riscos, medos e violências. Sônia Pessoa e Carlos Mendonça (2020) afirmam que o confinamento deve ser visto sob os privilégios, pois “nem todas as pessoas estão colocadas sob as mesmas condições” (Pessoa; Mendonça, 2020, p. 90) e isso reforça desigualdades sociais.

As tensões nesse período de pandemia evidenciam também um processo de olhar para si e entender de onde se comprehende. João Ricardo Jortieke Junior (2020), um homem branco, cisgênero e gay de 23 anos de Araras, São Paulo, apresentou-se, no texto, com seus privilégios por ser um homem cisgênero, branco, sem limitações físicas e suas vulnerabilidades por ser gay, gordo, ter transtorno de ansiedade e compulsividade alimentar. Diante disso, ele relatou a experiência de se assumir gay aos 17 anos em meio a uma briga familiar, o que gerou processos traumáticos e de violências, mas que trouxeram a decisão de abraçar a si mesmo e desfazer laços que o feriam.

Voltar para certos espaços, como a pandemia de covid-19 convocou, é retornar para memórias da violência e estar potencialmente exposto à vulnerabilidade. Túlio Vinícius Andrade Souza, um homem gay, que se questiona, se descobre e se (re)inventa, escreveu sobre o isolamento social, em uma cidade que não reconhecia mais como pertencente a ela. Ele refletiu sobre as repercussões de voltar para casa após 10 anos e as violências psicológicas sofridas na infância que o cerca. Também disse que se sentia bombardeado por notícias do caos, a violência contra LGBTQIA+ e o projeto de genocídio contra grupos vulneráveis.

Essas percepções convergem com a escrita de Beatriz Abreu Gomes (2020), uma mulher lésbica de 27 anos de Salvador, Bahia, que refletiu sobre a utopia do normal e o impacto da pandemia nos corpos. Ela, estudante da UFBA, descreveu a saída de casa devido à homofobia de familiares. Como trabalhadora informal, ela e sua família estão suscetíveis aos problemas financeiros e precisam continuar trabalhando, torcendo para que a necropolítica não os atinja. Ela criticou ainda a necropolítica do governo Bolsonaro, que exerceu soberania sobre a vida e a morte, escolhendo quem deveria morrer e quem deveria viver. Nesse contexto, Beatriz destacou que os corpos que se expunham ao trabalho são majoritariamente negros, pobres e periféricos, sem nenhum peso para o Estado, bem como a violência contra as mulheres

aumentou na quarentena, com casos de agressão de vizinhas e familiares. Tais questões se impõem para se pensar as interseccionalidades e os pesos das desigualdades sobre as vidas em condições de vulnerabilidade.

Essas violências levantam dúvidas sobre quem pode construir projetos e sonhos em um país que estava com mais de 40 mil mortes diárias por coronavírus, como trouxe o texto de Rômulo Lopes da Silva (2020), um homem preto, cis, gay/homossexual de 24 anos de Campinas, São Paulo. Ele também lamentou que crianças pretas foram mortas em casa pela violência do capitalismo, bem como o isolamento se tornou um discurso para o autoconhecimento, que, para ele, revelou a desigualdade social. Nesse contexto, o racismo estrutural, exposto pela violência policial, fez surgir o movimento *Black Lives Matter* que levantou reflexões da necessidade de se racializar e de o racismo ser compreendido como estruturante das relações.

Narrativas de sofrimento desses corpos geralmente envolvem silêncios, metáforas, modos de expressão que evitam confrontos diretos — tanto por medo quanto pela ausência de espaços seguros de voz. Veena Das (2020) sugere que prestar atenção a esses modos é crucial para captar o que há de violento em experiências aparentemente “normais”. Resistências desses corpos podem se dar nos modos como usam o corpo — cuidado, aparência, modos de se deslocar, de falar, de se associar, de criar intimidade — ou seja, não apenas em protestos explícitos, mas em práticas diárias que afirmam identidade, existência, pertencimento. O tempo desempenha um papel central: os corpos dissidentes carregam temporalidades — eventos passados, traumas, expectativas futuras, memórias, esperanças — que interagem com o presente cotidiano, moldando como se vive, sente, relaciona. A experiência de violência registrada no corpo vai se estender ou interferir no futuro, nas formas de projeção, de sonhos, de manutenção de medos e de possibilidades de reorganização da vida.

## Considerações finais

Finalizamos esse texto com algumas considerações de Áurea Carolina de Freitas e Silva (2019) que escreve:

Em uma democracia, a comunicação precisa ir além das mídias convencionais e narrar histórias que mostrem a diversidade da sociedade, com exemplos capazes de inspirar e fortalecer a cidadania ativa. Seu papel de interesse público é contribuir para uma reflexão crítica sobre a realidade, o que inclui visibilizar mais mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTI, quilombolas, entre outros grupos não hegemônicos, e adotar práticas afirmativas em seus processos de produção (Silva, 2019, p. 17).

É justamente esse o caminho que podemos localizar as *Histórias da queerentena* e o papel assumido socialmente (Pérez Navarro, 2020). Ao provocar estranhamentos, identificamos uma assembleia em formação que se dá por alianças em torno das violências que sofremos. Notamos o modo como as precariedades se acentuam ainda mais durante a pandemia de covid-19. Em uma entrevista dada por Renan Quinalha ao site *Brasil de Fato* (Robichez; Ibelli, 2025), ele abordou sobre as violências contra pessoas LGBTQIA+ que assinalam ações que fundam nossos processos de socialização e se espalham por meio de práticas institucionais de negligência e legitimação.

A violência faz parte da nossa experiência em um lastro histórico de ações que se direcionam contra nós. Infelizmente, estamos em um país LGBTfóbico, cujas violências foram insufladas por autoridades políticas ao longo do tempo, com o recrudescimento da extrema-direita política e do neofascismo. Protagonizamos ranqueamentos de mortes e violências, ao mesmo tempo que muitos casos de violação de direitos não são sequer reconhecidos. Se, de um lado, a força coercitiva da violência se instaura na experiência LGBTQIA+, por outro, resistimos e buscamos re-existir de diferentes formas. Como João Silvério Trevisan (2018) escreve, elaboramos caminhos, insurgimos pelas artes, tentamos seguir com força, alegria e atenção.

Veena Das (2020) não vê a resistência apenas como grandes gestos heroicos ou políticas visíveis. Muitas vezes, a resistência está no cuidado, no ladear dos silêncios, em formas de continuar vivendo, articulando relações, recuperando intimidade, negociando lugares de fala, reconstruindo afetos mesmo após ou durante violências. Este parece ser o gesto de resistência nas *Histórias da queerentena*.

## Referências

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.
- ANDREWS, J. et al. (Eds.). **O livro da história LGBTQIAPN+**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.
- ASSIS, D. N. Conceição de. **Interseccionalidades**. 1. ed. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2025.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, J. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coords.). **Atlas da violência 2025**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025.
- DAS, V. **Vida e Palavras**: a violência e sua descida ao ordinário. São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.
- FERRARI, M. T.; PROCÓPIO, M. R. Notícias sobre mulheres e pandemia: temáticas e enquadramentos em um contexto de desigualdades de gênero aprofundadas. In: PEREIRA, L. I.; GOMES, M. C.; XAVIER, M. R. P. (Orgs.). **Gênero, sexualidades e violência**. Viçosa: UFV; Divisão Gráfica Universitária, 2023. Capítulo 8.
- GOMES, B. A. A utopia do normal e o impacto da pandemia nos corpos. In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Equador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 301-304.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S. I.], n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 out. 2025.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900>. Acesso em: 13 out. 2025.

JORTIEKE JUNIOR, J. R. Para além de máscaras e quarentena: reflexões sobre distanciamentos e formas de amar. In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 253-258.

LOPES DA SILVA, R. Quando o carnaval passar... quero ver a quarta-feira: sobre a pandemia e histórias de pretos/as. In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 309-312.

MIORANDO, G. S. S. Que querem os Queer? In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 120-123.

MORICEAU, J. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PESSOA, S.; PRATA, N. (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019, p. 41-50.

NASCIMENTO, M. A. N.; DUARTE, M. J. O. Covid-19 e população LGBTQI+: os impactos da necropolítica aos corpos dissidentes. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. I.], v. 5, n. 17, p. 68-83, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2022.1714738>. Acesso em: 13 out. 2025.

PEREIRA, B. C. J. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, [S. I.], v. 21, n. 3, p. 445-454, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.40551>. Acesso em: 13 out. 2025.

PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020.

PESSOA, S. C. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência**: experiências e partilhas. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCOM, 2018.

PESSOA, S. C.; MENDONÇA, C. M. C. Flagelos dos corpos: a pandemia e o agravamento das precariedades. In: PRATA, N.; JACONI, S.; NASCIMENTO, G. (Orgs.). **Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas voltas**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2020, p. 87-111.

ROBICHEZ, A.; IBELLI, L. 'O que conecta todas as letras do LGBTQIAPN+ é a violência', diz professor. **Brasil de Fato**, 20 jun. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2025/06/20/o-que-conecta-todas-as-letras-do-lgbtqiapn-e-a-violencia-diz-professor/>. Acesso em: 13 out. 2025.

ROSA, L. F. L. Ser homossexual em quarentena é como ser homossexual em não quarentena. In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 141-145.

SILVA, A. C. F. Comunicar e politizar as relações pelo fim das desigualdades. In: PESSOA, S.; PRATA, N. (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019, p. 17-18.

SOUZA, T. V. A. Sobre vivências, sobrevivências e mecanismos de resistência durante o isolamento social em decorrência do coronavírus. In: PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Histórias da Queerentena**. 1. ed. Cuenca, Ecuador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020, p. 203-207.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA FILHO, M. J. "Mimimi", "histeria", "gripezinha": imaginários sociodiscursivos da banalização da pandemia no Brasil em discursos presidenciais. **Mester**, Los Angeles, v. 51, p. 157-179, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5070/M351055724>. Acesso em: 13 out. 2025.